



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 22 | 2006
Ideias políticas

Jorge Luís Borges

Nacionalista e cosmopolita

Jorge Luís Borges: Nationalist and Cosmopolitan

Vamireh Chacon



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2189>

DOI: 10.4000/cultura.2189

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Janeiro 2006

Paginação: 127-135

ISBN: 0870-4546

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Vamireh Chacon, « Jorge Luís Borges », *Cultura* [Online], Vol. 22 | 2006, posto online no dia 23 novembro 2015, consultado a 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2189> ; DOI : 10.4000/cultura.2189

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Jorge Luís Borges

Nacionalista e cosmopolita

Jorge Luís Borges: Nationalist and Cosmopolitan

Vamireh Chacon

- 1 Não há cultura inocente.
- 2 Dizer que não se está a fazer política, é uma das formas de fazê-la.
- 3 Jorge Luís Borges passa por apolítico, até seus íntimos pretendem testemunhá-lo, mas envolvem-se em contradições, ao apontarem Borges, tão cerebral, deixar-se levar por paixões políticas inclusive motivadas pelos seus interesses de classe e família.¹
- 4 Volodia Teitelboim – que tem a grandeza de estudar objetivamente Borges, apesar de ele, Teitelboim, haver estado sob perseguição na época em que Borges apoiava abertamente os opressores ditatoriais militares argentinos – Teitelboim interroga-se e responde: "Borges apolítico? Não parece tão certo. Já conhecemos suas proclamações anarquistas e comunistas de juventude".²
- 5 O próprio Borges mais uma vez se encarregou de explicar-se, em seu **Um Ensaio Autobiográfico**, ter começado politicamente pelo elogio da "revolução russa, a fraternidade do homem e o pacifismo", em livro destruído pelo autor, **Os Salmos Vermelhos** ou **Os Ritmos Vermelhos**, em versos livres em parte publicados... Eram influências de Pio Baroja, confessa Borges, e da recente Primeira Guerra Mundial vista quase de perto, de Genebra, onde seus pais passavam temporada, a alongar-se por cinco inesquecíveis anos de formação. Fiel a eles, Borges optará por passar seus últimos dias na Suíça. Interessante também a iniciação de Borges na poesia por Walt Whitman, cujo intenso amor ao povo deve ter contribuído para aquela fase inicial.
- 6 Em lenta volta a Buenos Aires, a família de Borges passa quase três anos na Espanha, em Sevilha e Madrid interessa-se pelo ultraísmo a ponto de trazê-lo à Argentina e por ele, depois, desinteressar-se.³

- 7 Daí em diante, Jorge Luís Borges entra numa espiral nacionalista-cosmopolita, pendulando, por assim dizer dialeticamente, entre os dois extremos, dos vários do seu temperamento inquieto e paradoxal.
- 8 No Brasil, Mário de Andrade, já em 1928, captou muito bem esta bipolaridade íntima, entre outras, em Borges: "eu falei que o nacionalismo argentino era mais inconsciente que rotular". "Quem se preocupa mais com ele é Jorge Luís Borges. Este poeta e ensaísta me parece a personalidade mais saliente da geração moderna da Argentina. Depois de Ricardo Güiraldes", o autor do celebrado romance gauchesco **Dom Segundo Sombra**.⁴
- 9 Mário de Andrade referia-se aos livros de poemas **Fervor de Buenos Aires** (1923) e **Luna de enfrente** (1925) e ao de ensaios **Inquisiciones** (1925), todos por Borges renegados, mais, na mesma linha argentinista, **El tamano de mi esperanza** (1926), **El idioma de los argentinos** (1928), ambos de ensaios, e **Cuaderno San Martín** (1929) com nome não por conta do Libertador e sim pelo tipo (!) de caderno usado, todos igualmente refugados pelo autor por idênticos motivos.
- 10 Na sua busca de universalidade, Borges confessava haver concluído pela necessidade de "evitar hispanismos, argentinismos, arcaísmos e neologismos" na sua estilística. Mas, antes, "Fui ao outro extremo: tentei ser o mais argentino que pude. Peguei o dicionário de argentinismos de Segóvia e introduzi tantos termos locais que muitos de meus compatriotas mal conseguiram entender. Como perdi o dicionário, não estou seguro de que eu mesmo possa entender o livro, de modo que o abandonei por estar além de qualquer esperança" (*sic*).⁵
- 11 Apesar do expresso repúdio a estas obras por Borges, a viúva Maria Kodama decidiu republicá-las após o falecimento do autor, e elas vêm demonstrando ainda ter um grande público favorável, ao lado das mundialmente aclamadas de sua autoria.
- 12 Rafael Olea Franco demonstrou como o crioulismo, sinônimo de argentinidade literária, permaneceu subjacente actuante em toda produção de Borges: crioulismo *versus* europeísmo, nacionalismo *versus* cosmopolitismo, emergindo, por exemplo, na sua mudança de opinião sobre Sarmiento, o presidente pedagogo da Argentina, diante de Rosas, o ditador xenófobo, um urbano (a "civilização") e o outro rural (a "barbárie") como se vê no clássico **Facundo**, biografia sociológica de um dos caudilhos por Sarmiento incansavelmente combatidos na prática e na teoria.⁶ Estela Canto, sua íntima por décadas, vai adiante, testemunha a inseparabilidade entre Borges e Buenos Aires num relacionamento profundo e indissolúvel de amor e ódio recíprocos:⁷ Jorge Luís Borges conseguiu, muito no seu estilo de vida paradoxal, não só literário, ser pelos seus conterrâneos o mais amado e o mais odiado dos autores e dos personagens da sua época, com freqüência ao mesmo tempo...
- 13 Os motivos desta repulsa-atração vêm de longe, já o pai e a mãe de Borges desde criança lhe ensinavam as trágicas sagas das famílias paterna e materna, esta com ainda maior intensidade passional.
- 14 O avô Borges, coronel, era, "em princípios da década de 1870, comandante-em-chefe nas fronteiras do norte e oeste de Buenos Aires". Morreu em combate numa das guerras civis argentinas. Romanticamente, na "sua derrota em La Verde, envolto em um poncho branco, montou um cavalo e, seguido por dez ou doze soldados, avançou devagar em direção às linhas inimigas, onde foi atingido por duas balas..." O pai de Borges gostava de lembrar isso ao filho.

- 15 Um dos bisavôs maternos, Suárez, também coronel, "comandou o famoso ataque de cavalaria peruana e colombiana que decidiu a Batalha de Junín, no Peru. Essa foi a penúltima guerra sul-americana pela independência. Embora fosse primo em segundo grau de Juan Manuel Rosas, ditador na Argentina de 1835 a 1852, Suárez preferiu o desterro e a pobreza em Montevideu a viver sob uma tirania em Buenos Aires. Suas terras foram, evidentemente, confiscadas, e um dos seus irmãos foi executado". A mãe gostava de lembrar isso ao filho.
- 16 Donde Jorge Luís Borges conclui, com auto-ironia bem típica sua: "Assim, de ambos os lados da família tenho antepassados militares; isso talvez explique minha nostalgia desse destino épico que as divindades me negaram, sem dúvida sabiamente".⁸
- 17 Cedo falecido o pai, a mãe, antes do filho, protestou de público ao ver a chegada do coronel populista, auto-promovido general, Juan Domingo Perón, ao poder. A mãe, presa pela polícia política peronista, confirmou, aos olhos do filho, a vulgaridade, a baixeza e a brutalidade do regime de Perón.⁹
- 18 Daí a adesão dos Borges aos militares que depuseram Perón.
- 19 Entende-se: estes militares reintegraram Borges na direcção da Biblioteca Nacional, da qual havia sido demitido com humilhação. Borges, em crescente reacção, foi ao ponto de apoiar publicamente a ditadura chilena de Pinochet, o que talvez lhe tenha causada a perda do Prémio Nobel, para o qual estava muito celebrado pela imprensa mundial.¹⁰
- 20 Em tempo, durante a Guerra das Malvinas (lembremos também a admiração de Borges pelos britânicos, herdada da avó inglesa...), Borges voltou-se contra a ditadura militar no seu país e em todo o continente, como se vê na sua resposta, em 1984, a um jornalista ("E o que o senhor pensa sobre os militares latino-americanos?"): "Uma calamidade, realmente. Mas veja: quando eles tomaram o poder na Argentina, eu acreditava neles". "Eu falei contra os militares quando eles ainda estavam no poder e era perigoso fazê-lo. De modo que minha consciência está tranqüila".¹¹
- 21 O desdém de Borges pelos políticos, aliás antigo, insere-se no seu elitismo intelectual, relativismo filosófico e niilismo religioso, envoltos na sua erudição humanística e estilo literário.
- 22 O relativismo filosófico borgiano está muito bem analisado por Juan Nuño em **La filosofía de Borges**, onde se demonstram as influências recebidas principalmente do ultra-idealista inglês Berkeley, dele a Plotino, enfim a Platão, com a preocupação central girando em torno da irrealidade do tempo em ciclos de pesadelos, no caso de Borges pesadelos até pessoais, pesadelos de cego.
- 23 Assim Borges evita Heidegger ("Heidegger inventou um dialeto alemão, nada mais"). Lembre-se também o interesse de Borges pelo empirismo de Hume e até pela filosofia analítica de Korzybski, na busca da impossível exactidão.¹²
- 24 Deste trágico impasse, o Borges final crê encontrar solução em Buda,¹³ o que o devolve ao Schopenhauer, sua primeira influência filosófica,¹⁴ Schopenhauer acreditando encontrar no Nirvana oriental a solução das suas dúvidas racionalistas ocidentais. Ainda tão ocidental, Borges fica na admiração, não vai à adesão a Buda. Permanece a angústia profunda em Borges. Portanto, não é de estranhar sua preferência extremada por Unamuno ("o primeiro escritor do nosso idioma")¹⁵ e seu paralelo desprezo pelas amenidades de Ortega y Gasset.¹⁶

- 25 Daí não haver também surpresa diante da repulsa de Borges a Pablo Neruda, que em vão o procurou pessoalmente, e mesmo ao humanismo social tão puro e despretencioso de Gabriela Mistral. As opções de Jorge Luís Borges iam noutra direcção muito diferente, tanto a André Malraux quanto a Ernst Jünger: ao primeiro desejava que recebesse o Prêmio Nobel e ao segundo chegou a visitar pessoalmente e com ele entreter longo diálogo, menos sobre filosofias de vida que sobre pormenores dela.¹⁷
- 26 Ao ficar ao mesmo tempo com Jünger e Malraux, Borges demonstrava pairar acima da política fascista e antifascista, embora nem uma posição, nem outra, nem de longe esgotasse cada um destes, por mais que adversários e adeptos tentassem a isto limitá-los. O interessante a respeito, na época, foi a obra do então iniciante Jorge Luís Borges ter atraído a atenção nada menos que de Drieu la Rochelle de visita a Buenos Aires:¹⁸ Drieu em tão acidentado itinerário de herói nacional na Primeira Guerra Mundial a anti-herói colaboracionista em breve na Segunda.
- 27 Em defesa de Borges, diante das intermináveis acusações posteriores em relação às suas simpatias autoritárias senão totalitárias, lembre-se ter ele protestado contra os triunfos militares nazistas, ao auge em 1940, e seu regozijo com as derrotas deles em 1944.¹⁹
- 28 Quanto aos ditatoriais militares argentinos, Borges deles esperava um anti-populismo dirigido contra Perón,²⁰ substituído por populismo ainda pior porque belicista na Guerra das Malvinas,²¹ para decepção de Borges, culminando no mútuo repúdio entre ele e aqueles militares.²² O caso de Pinochet foi de muito maior complicação para Borges, dado o maior envolvimento deste com aquele.²³ Terminando pela generalizada decepção borgiana diante de todos os militaristas latino-americanos, a quem acabou dedicando acerbas condenações por suas incompetências e seus desmandos.²⁴
- 29 Antes de Borges, era análoga a tragédia de Leopoldo Lugones, atraído pela ilusão militarista, da qual fez vibrante elogio no seu **A Hora da Espada**, sua decepção o levando ao suicídio. A relação Borges-Lugones foi do elogio ao afastamento e a reaproximação daquele diante deste.
- 30 Após a Guerra das Malvinas, em 31 de dezembro de 1982, no **jornal El Mercurio** de Santiago do Chile, Borges declarava textualmente: "No mundo há atualmente um erro ao qual todos temos propensão, do que também eu tenho sido culpado: este erro se chama nacionalismo. É causador de muitos males. Eu, por exemplo, até pouco tempo me sentia orgulhoso dos meus antepassados militares. Agora, não".
- 31 Acontece que um dos historiadores argentinos da Guerra das Malvinas, Rubén Oscar Moro, relata haver procurado em casa Jorge Luís Borges, para pedir-lhe o prefácio ao seu **La guerra inaudita (Historia del conflicto del Atlántico Sur)**, e Borges aceitou, lembrando seu avô o coronel Borges tombado numa das guerras civis argentinas. Muito pouco tempo depois, Borges faleceu sem concluir a tarefa. Contudo, aquele autor dedicou o livro e começa-o com um dos últimos poemas borgianos (sobre Caim e Abel), que termina assim: "Enterraram-nos juntos. A neve e a decomposição os conhecem. O facto referido ocorreu num tempo ao qual não podemos entender".
- 32 Mais uma das tantas fundamentais contradições de Jorge Luís Borges?
- 33 Claro que sim, mas, nós todos, não somos menos ou mais contraditórios?... As novas gerações argentinas vêm conseguindo entender as fontes das contradições de Borges.²⁵
- 34 O crítico Juan Nuño, que foi o primeiro a alongar-se na subjacente filosofia de Borges, demonstrou o seu básico solipsismo (Borges sempre cita favoravelmente Berkeley), sua

consciência do dilema moral ("Ainda ignoro a ética do sistema por mim esboçado"), portanto a ausência nele, Borges, sequer de um *refugium peccatorum*. Enfim, na última inclinação na direção de Hume (do idealismo alemão Borges só aceita Schopenhauer na constatação da necessidade de total desprendimento dos sentimentos, não só das paixões, excepto a estética, noutra grande contradição, como se vê no seu ensaio sobre Sweden borg), conclui sob o brutal impacto da realidade: "Negar a sucessão temporal, negar o eu, negar a ordem astronómica, são desesperos aparentes e consolos secretos. Nosso destino é espantoso porque é irreversível e de ferro. O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebatava, mas eu sou o rio; é um tigre que me destroça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo desgraçadamente é real; eu, desgraçadamente, sou Borges". Ao término da vida, foi que acabou aceitando: "A já avançada idade me ensinou a resignação de ser Borges".²⁶ Textualmente: "*El tiempo está viviéndome*".

- 35 O médico, que assistiu seus derradeiros momentos, testemunhou que nunca vira um paciente tão indiferente à morte. Mesmo assim um padre católico e um pastor protestante foram para a beira do seu túmulo, na hora do sepultamento em Genebra, reivindicar suposta conversão final de Jorge Luís Borges...²⁷ Dele que certa vez polemizou com um bispo católico argentino, sobre a existência de Deus,²⁸ e que, mais de uma vez, reconheceu a única influência religiosa mais íntima, proveniente da avó metodista inglesa...²⁹
- 36 A minha própria explicação consiste na permanente argentinidade pessoal de Borges, em especial sua portenidade, isto é, a permanência de entranhado amor à sua portenha Buenos Aires querida, tão mutante como tudo na vida, em mudanças nem sempre aceitas por cada um de nós: este foi o derradeiro refúgio afetivo profundo, mais que vagamente psicológico, muito menos filosófico. Seus amigos mais próximos testemunham a complexa relação amor-ódio de Jorge Luis Borges com a Argentina em geral e Buenos Aires em especial, onipresente em tudo que disse e escreveu, de modo direto ou indireto, em menor ou maior intensidade, mas sempre, sempre, presente. Relação muito típica da elite argentina, em especial a de Buenos Aires.
- 37 Este cosmopolita assumido – que dizia pertencer à literatura universal e não propriamente à argentina, daí proibir a republicação póstuma dos seus primeiros livros, **O Idioma dos Argentinos, O Tamanho da minha Esperança**, não só o polémico **Inquisições** – o cosmopolita assumido que preferiu agonizar e morrer na Genebra querida da adolescência, em vez de receber em Buenos Aires as homenagens finais às quais foi tão instado nos últimos momentos, o cosmopolita repetiu, intermitente, ao longo da vida, a sua profunda, inerradicável, argentinidade em autênticos literais atos de fé: "Pertencer a um país é, antes de tudo, um acto de fé". "Que significa ser europeu, ser argentino? Um acto de fé". Enfim, "Ser argentino é um irrevogável acto de fé, ou então um acto diante do espelho, uma simulação, uma aparência".³⁰ Ou um europeu exilado na América.
- 38 Quanto à sua cidade natal – tão mudada fisicamente pela substituição dos edifícios e humanamente pela das pessoas, em ambos os casos nem sempre para melhor, da qual Borges podia refugiar-se por cegueira numa cidade etérea, parada no espaço e no tempo, tentação de todos nós – dela Borges disse, no seu poema "Fundação Mítica de Buenos Aires", ser "tão eterna quanto a água e o ar".
- 39 O radical cosmopolita anglófilo, que escrevia em inglês as cartas amorosas mais íntimas,³¹ também permaneceu sempre fiel à iberidade em mais de um verso ("estais, Espanha, silenciosa entre nós", "incessante e fatal"; o Quixote foi um sonho de Cervantes e o Quixote criou Cervantes, personagem e autor confundidos numa só pessoa; mais Luís de

Camões, "flor de Portugal" em "tua Eneida lusitana": "Bem pouco sei de meus antecessores/ portugueses, os Borges: vaga gente/ que prossegue em minha carne", Borges de Moncorvo, Trás-os-Montes, aos quais procurou quando visitou Lisboa); portanto, o não tão cosmopolita como se dizia, menos crendo nisto do que querendo nos fazer crer, este paradoxal cosmopolita ibérico-argentino-bonaerense também foi muito bem recebido nada menos de quatro vezes no Brasil, do que deixou longas entrevistas reunidas em livro.³²

- 40 Borges não fugiu mesmo ao mais delicado momento histórico das relações Brasil-Argentina, a participação militar brasileira ao lado dos argentinos querendo se libertar do caudilho Juan Manuel Rosas nas guerras platinas do século XIX, ainda hoje tão discutidas pelos dois lados: "Brasil e o tirano. Aquela história/ desenfreada. O todo pelo todo". ("Elegia da Pátria").
- 41 Nas suas passagens pelo Rio de Janeiro e São Paulo, então aclamadas mais pelos brasileiros que pelos argentinos em seu próprio país, Jorge Luís Borges demonstrava conhecer Euclides da Cunha e Carlos Drummond de Andrade, e confessava haver Gonçalves Dias se incorporado tanto à sua memória e sentimento, que sequer se lembrava do nome do autor, ao recordar os versos que lhe ensinaram, menino: "Minha terra tem palmeiras/ onde canta o sabiá;/ as aves que aqui gorjeiam/ não gorjeiam como lá..." Versos por ele repetidos, com seu sorriso habitualmente irônico, no mais puro sotaque brasileiro...³³

NOTES

1. Estela CANTO, amor platônico segundo ela, conheceu e conviveu muito de perto com Jorge Luís BORGES ao longo de décadas, abruptamente interrompidas. Ela testemunha os elos políticos e de classe dele em *Borges a contraluz*. 2. ed. Madrid: nº 93 da Colección Austral, Espasa Calpe, 1999, pp. 33-48. BORGES entreteve diversos relacionamentos muito ambíguos com mulheres, até casar-se, já tarde, com Maria Kodama, de mãe japonesa e pai uruguaio, nascida na Argentina.
2. TEITELBOIM, Volodia. 2ª ed. *Los dos Borges*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1996, p. 149. O próprio BORGES reconhece no seu *Um Ensaio Autobiográfico*, a propósito da sua juventude, sob o impacto da Primeira Guerra Mundial: "eu ainda era anarquista, livre-pensador e a favor do pacifismo". Este texto foi ditado originalmente em inglês ao seu colaborador Norman Thomas di GIOVANNI, *An Autobiographical Essay* (1970), aqui cit. na tradução em português brasileiro *Um Ensaio Autobiográfico (1899-1970)*. São Paulo: Globo, 2000, pp. 58 e 59.
3. *Um Ensaio Autobiográfico*, ob. cit., pp. 67-70.
4. ANDRADE, Mário. "Literatura Modernista III". São Paulo: **Diário Nacional**, 13 de maio de 1928.
5. *Um Ensaio Autobiográfico*, ob. cit., p. 82.
6. OLEA FRANCO, Rafael. *El otro Borges, el primer Borges*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, pp. 108, 109, 102, 103 e 105-108.
7. Estela CANTO insiste longamente na fundamental argentinidade de Jorge Luís BORGES, tanto por opção, como ele reconhecia, quanto por imposição das circunstâncias mais profundas de formação e até de deformação pessoais, desde o berço e ao longo da maior parte da vida em Buenos Aires, daí Borges ser tão desta cidade, isto é, portenho, como se diz. Vide, mais uma vez, *Borges a contraluz*, ob. cit., pp. 11, 48, 56, 57, 202, 69, 64, 65 e 53. Alicia JURADO, outra colaboradora

de Borges, também testemunha a visceral paixão de BORGES pela Argentina e Buenos Aires em *Genio y figura de Jorge Luís Borges*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires: 3ª ed., 1996 (1ª em 1964), p. 164 e passim.

8. *Um Ensaio Autobiográfico*, *ob. cit.*, pp. 15, 16, 20 e 21.

9. A mãe de BORGES, Leonor Acevedo – descendente de cristãos-novos portugueses (cuja ascendência lusa se combinava com a dos Borges paternos de Moncorvo), mais motivo de grande enaltecimento pessoal, repetidas vezes, para o filho – era uma católica liberal conservadora e contra o populismo de Perón, depois despeitado por sua esposa Evita não receber homenagens do Vaticano. Por essas e outras, Dona Leonor, em companhia da filha Norah, foram presas pela polícia política peronista numa ruidosa manifestação de protesto no centro de Buenos Aires, o que evidentemente serviu para cada vez maior repulsa do filho contra o peronismo. Esteia CANTO privava da amizade dos Borges naquela fase e deu testemunho no seu livro *Borges a Contraluz*. *ob. cit.*, pp. 47, 48, 68 e 92.

10. TEITELBOIM (*ob. cit.*, pp. 226-228) descreve reações negativas contra BORGES no Conselho da Fundação Nobel em Estocolmo, a propósito do seu apoio explícito e veemente à ditadura de Pinochet no Chile (ademais de apoios dele, então, também à ditadura militar argentina, só muito depois repudiados).

11. Entrevista a Renato MODERNELL na revista *Status*, São Paulo, agosto, 1984, sob o título "Um Encontro de Sumis com gente muito importante".

12. NUÑO, Juan. *La filosofía de Borges*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986, pp. 10, 133 e 134.

13. *Buda* (coletânea por Jorge Luís BORGES e Alicia JURADO). Madrid: Alianza Editorial, 2000.

14. Schopenhauer permaneceu o autor filosófico mais preferido por BORGES do começo ao fim da vida, como se vê no seu final *Um Ensaio Autobiográfico* (*ob. cit.*, p. 44): "Enquanto vivíamos na Suíça, comecei a ler Schopenhauer. Hoje, se tivesse de escolher um único filósofo, eu o escolheria. Se o enigma do universo pudesse ser formulado em palavras, penso que essas palavras estariam na obra dele. Eu o li muitas vezes em alemão..." Borges, naquele livro (breve como os dele), explica ter aprendido alemão quando adolescente estudante de liceu na Suíça, mas por conta própria. Gostou muito do expressionismo alemão, a seu ver superior aos outros modernismos vindos da França, não lhe agradando, porém, o romantismo tido e havido como tão fundamental na Alemanha, muito menos o iluminismo prototípico em Kant. "Na literatura alemã eu procurava algo germânico mas só o encontraria, mais tarde, no inglês e no escandinavo antigos" (*idem*, pp. 42-44). Mesmo assim incluiu o idioma alemão, ao lado deles, num dos poemas de louvor: "doce língua da Alemanha,/ te escolhi e busquei solitário [...]. Hoje, na linde/ dos anos cansados, te diviso/ distante como a álgebra e a lua", pois "meu destino é a língua castelhana" ("Ao Idioma Alemão").

15. "Presença de Unamuno". *Obras Completas* também em tradução no Brasil pela Editora Globo. São Paulo: 2001, IV vol., p. 289.

16. CANTO (*ob. cit.*) testemunha-o (p. 253).

17. TEITELBOIM, *ob. cit.*, pp. 190-193, 196, 241 e 242, reproduz as anotações de JÜNGER sobre seu longo diálogo com BORGES na Alemanha em 27 de outubro de 1982, e, em entrevista ao brasileiro Álvaro Alves de FARIA, BORGES insiste que "seu candidato ao Nobel sempre foi André Malraux", o "grande Malraux", *Borges (O Mesmo e o Outro)*. São Paulo: Escrituras, 2001, p. 40.

18. TEITELBOIM, *ob. cit.*, p. 260.

19. BORGES contra os nazistas em "Definição de Germanófilo" (*Obras Completas*, *ob. cit.*, IV vol., p. 514): "O hitlerista, sempre, é um rancoroso, um adorador secreto, e às vezes público, da 'esperteza' foragida e da crueldade"; e "o grau físico de minha felicidade quando me comunicaram a libertação de Paris". "Anotação ao 23 de Agosto de 1944" (*Otras inquisiciones*. Madrid: Alianza Editorial, 1976, p. 130).

20. CANTO, *ob. cit.*, p. 245.

21. Maria Esther VÁZQUEZ relata uma tentativa de suicídio de BORGES em julho de 1982, pouco depois da derrota militar argentina diante dos britânicos na Guerra das Malvinas (*Borges. Esplendor y derrota*. Barcelona: Fábula Tusquets Editores, 1999, pp. 314 e 315), durante a qual ele se dissociara publicamente da causa argentina e elogiara os britânicos. Terá sido mera coincidência?... Ou mais uma das profundas contradições borgianas???
22. Vide TEITELBOIM, *ob. cit.*, pp. 211 e 212, contudo também a p. 221.
23. Vide nota 11.
24. BORGES por um lado declarava "imbecis" os oficiais argentinos que haviam sacrificado, por incompetência, os despreparados soldados argentinos (entrevista a Roberto d'ÁVILA e Walter SALLES JR in *Borges no Brasil* org. por Jorge SCHWARTZ. São Paulo: Editora UNESP-Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001, p. 532) e, por outro, prometia prefácio a Ruben Oscar MORO, patriota historiador de *La guerra inaudita (Historia del conflicto del Atlántico Sur)*. Buenos Aires: Edver, 2000, p. VIII). Esta e outras contradições, políticas e filosóficas sublimadas literariamente, podem tê-lo induzido à tentativa de suicídio da nota 21.
25. Pedro ORGAMBIDE mostra como as atitudes políticas de Borges estão enraizadas "em seu próprio pensamento político", de difícil análise. Seus contemporâneos Martínez Estrada e Eduardo Mallea haviam optado por visões opostas da Argentina: Estrada, a visão objetiva, ensaística; Mallea, a subjetiva, novelística. BORGES declarava-se mais "poeta", que "intérprete da realidade". Acontece que Leopoldo Lugones foi dos grandes poetas argentinos e veio do socialismo universalista ao "nacionalismo imperial" e ao "culto da coragem", itinerário frequente na época, décadas de 1920 e 1930, inclusive entre intelectuais (vide ORGAMBIDE, Pedro. "Borges y su pensamiento político" in *Antiborges*. Compilações e comentários reunidos por Martín LAFFORGUE. Buenos Aires: Ediciones Argentina/Javier Vergara Editor-Grupo Zeta, 1999, pp. 257, 271, 272 e 261). O comportamento político de BORGES complicava-se pelo seu gosto do "paradoxo como provocação" (p. 258).
26. NUÑO (*ob. cit.*, p. 136) comenta-o extensamente.
27. TEITELBOIM, *ob. cit.*, pp. 298, 306 e 307.
28. Foi com o bispo de Jujuy, norte da Argentina, onde BORGES havia pronunciado uma conferência na universidade local e dissera que era ateu. O incidente repercutiu intensamente nos jornais de Buenos Aires (vide FARIA, *ob. cit.*, pp. 36 e 37).
29. Vide, por exemplo, CANTO, *ob. cit.*, pp. 45, 46 e 283.
30. Vide *O Dicionário de Borges (O Borges Oral, o Borges das Declarações e das Polêmicas)* reunido por Carlos R. STORTINI. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990, pp. 20 e 78.
31. A. Estela CANTO, por exemplo, *ob. cit.*, p. 143.
32. Reunidas por Jorge SCHWARTZ em *Borges no Brasil* (vide nota 24).
33. Na primeira entrevista, a Leo Gilson RIBEIRO em 1970 e na quarta e última (a Roberto d'ÁVILA e Walter SALLES JR.), em *Borges no Brasil*, *ob. cit.* pp. 498 e 538.
-

ABSTRACTS

Pouco antes de falecer, Jorge Luís Borges determinou que sua esposa, Maria Kodama, não publicasse seus livros regionalistas de juventude em suas obras completas, que assim ficariam incompletas, uma decisão tipicamente borgiana. A viúva preferiu não cumprir a determinação e as obras editadas se tornaram completas, na medida em que possam ser descobertos manuscritos

ainda inéditos. Elas revelam um amplo arco, correspondendo à sua longa vida, da juventude muito argentina e profundamente bonaerense, do seu país e cidade natal Buenos Aires, ao mundo. Os seus artigos, publicados mais em revistas literárias que jornais, desde cedo revelam esta vocação universal. Jorge Luís Borges escreveu com frequência sobre autores estrangeiros. Depois, os próprios temas dos livros vão mudando dos regionalismos e até localismos, rumo às dúvidas e ambigüidades intrinsecamente humanas de todas as partes do mundo, onde ele as imaginariamente situa. Ao fim e ao cabo, Jorge Luís Borges – traduzido e homenageado em muitos países – preferiu morrer em Genebra e lá ser sepultado, onde estudara na adolescência, quando fora muito feliz na descoberta inicial de outras culturas. Elas demoraram a nele predominares, mas terminaram acontecendo. Mesmo assim, ele no íntimo nunca deixou de todo a argentinidade. Crescentemente cosmopolita, o nacionalismo jamais abandonou por completo o espírito de Jorge Luís Borges. Sua atitude pró-britânica, durante a própria Guerra das Malvinas, pode ser interpretada como protesto e advertência diante de uma derrota próxima.

Just before dying Jorge Luís Borges asked his wife Maria Kodama not to publish his regionalist books from his youth in his complete works; these were to remain incomplete, a typically borgian decision. The widow chose not to follow his last wishes and the published works became complete works, while some unpublished manuscripts can still be found. The range is proliferous, mirroring his long life, from his profoundly bonaerense youth in Argentina, his country and hometown of Buenos Aires, to the world. His articles mainly published in literary magazines rather than newspapers, from the early stages reveal this universal vein. Jorge Luís Borges often wrote about foreign authors. Later, the themes of his books change from localisms and even regionalisms towards the intrinsically human doubts and ambiguities of all places in the world, where he places them in his imaginary. At the end of his life Jorge Luís Borges – translated and honoured in many countries – chose to die and be buried in Geneva where he had studied as a teenager and had been very happy when at his initial discovery of other cultures. These took time to take hold of him but they finally did. Nevertheless, in his deeper self he never gave up being a true Argentine. Increasingly cosmopolitan, Jorge Luís Borges never stopped being a nationalist. His pro-British position during the Maldives War can be interpreted as a protest and a warning against the defeat that was soon to come.

INDEX

Keywords: Jorge Luís Borges, Argentine, nationalism, cosmopolitan

Palavras-chave: nacionalismo, Argentina, cosmopolitismo

AUTHOR

VAMIREH CHACON

Universidade de Brasília

Professor emérito da Universidade de Brasília. Doutorou-se, em Sociologia do Direito na Faculdade de Direito do Recife, uma das duas mais tradicionais do Brasil. O doutoramento foi realizado simultaneamente na Universidade de Munique na Alemanha, o pós-doutoramento na Universidade de Chicago nos Estados Unidos. Foi inicialmente professor na mesma Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, em seguida na de Brasília, de assistente a adjunto e catedrático titular. Ensinou como professor visitante, em Universidades da Europa e Estados Unidos, sobretudo na de Erlangen-Nuremberg na Alemanha, na qual veio a receber o título de doutor honoris causa. Vamireh Chacon escreveu vários livros, publicados no Brasil como

a História dos Partidos Brasileiros e Gilberto Freyre (Uma Biografia Intelectual). Em Portugal, *O Humanismo Ibérico* pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e *O Futuro Político da Lusofonia* pela Editorial Verbo.